

Revista Moara

<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/index>
Programa de Pós-Graduação em Letras
Laboratório de Ciências da Linguagem
Instituto de Letras e Comunicação
Universidade Federal do Pará

Cidade Universitária Professor José da Silveira Netto
Rua Augusto Correa, 01 – Guamá
66075-900 Belém (PA)
FONE/FAX: (91) 3201-7499
E-mail: mletras@ufpa.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca do ILC/UFPA-Belém-PA

Moara: Revista dos cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. ---
Belém: ILC/UFPA, (1993-).

v.

Semestral.

Resumo em português, inglês, espanhol e francês.

A partir do n. 36 (2011), a MOARA se tornou eletrônica.

Endereço eletrônico: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara>

ISSN 0104-0944 (versão impressa)

1. Literatura-Periódicos. 2. Linguística-Periódicos. I. Universidade
Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação.

CDD 805

CDU 8(05)

Apresentação

Tânia SARMENTO-PANTOJA
Universidade Federal do Pará (UFPA)

A Moara é uma publicação do Programa de Pós Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará. Tem por finalidade o registro, a divulgação, a socialização de conhecimentos, a disponibilização de fontes para pesquisadores, educadores, artistas e interessados de modo geral. Desde 1993, quando foi criada, vem se materializando a partir de números alternados entre estudos linguísticos e literários. Comprometida com essas metas sempre investiu na qualidade dos trabalhos e na variedade dos objetos investigados, com vistas a contribuir de forma efetiva com a pesquisa na área e auxiliar na travessia para o aprofundamento de repertórios conhecidos, do mesmo modo que agrega os mais recentes ou marginais. Sua proposta editorial procura igualmente não se esquivar da reflexão direcionada aos cenários teóricos e metodológicos, mesmo daqueles ainda considerados instáveis, bem como da possibilidade de interação entre eles.

O número 37, dedicado aos estudos literários, vem reforçar esse conjunto de propósitos que ora apresento e que se delinea, ao mesmo tempo, como uma busca e um percurso. São variados os objetos e múltiplos os debates que deles se acercam.

A revista abre mais uma vez suas portas ao leitor com o artigo **Chaves de casa, chaves de leitura: fragmentos de leitura do romance *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy**, de Alessandra Cristina Moreira de Magalhães, que apresenta uma leitura do romance *A chave de casa*, situando-o no debate acerca do espaço autobiográfico, proporcionado pela instauração da dúvida, da desconfiança, capazes de fazer emergir fronteiras transitórias que alargam o conceito de representação, enfim, o núcleo desse estudo.

Ao movimentarem uma densa matéria historiográfica que envolve regimes políticos autoritários, como o fascismo, o nazismo, o salazarismo e o franquismo e sem tangenciarem a matéria literária, Andrea Quilian de Vargas e Rosani Umbach voltam-se a uma reflexão acerca da condição humana no artigo ***Tropical Sol da Liberdade: narrativa pós-traumática, espaço de dor e esquecimento***.

O velamento do real e a presença deste nas dimensões do trágico são os tópicos que movem o artigo ***Avalovara, de Osman Lins, e a realização trágica do homem e da obra de arte***, de Harley Farias Dolzane e Antônio Máximo Ferraz.

O texto **Os mundos possíveis de Juan Carlos Onetti**, de Enrique Nuesch, procura realizar uma leitura da narrativa de ficção do escritor uruguaio Juan Carlos Onetti (1909-1994) contribuindo para uma configuração de cenários que seriam recorrentes no conjunto da produção do referido escritor.

O texto **A formação discursiva e as condições de produção no discurso veiriano: uma análise do sermão de Santo Antônio**, de Keila de Quadros Schermack e Ernani Freitas, aborda temáticas do sermão veiriano a partir de suas conformações discursivas sem perder de vista o contexto sócio-histórico e ideológico em que o texto foi produzido.

Tal como no estudo proposto por Andrea Quilian de Vargas e Rosani Umbach, em **O Deus de Caim: representações de poder e violência no romance de José Saramago**, Janer Cristina Machado também procura construir uma reflexão acerca do poder e da violência, desta feita, marcada pela estreita relação entre o sagrado e o profano.

Procedimentos formais considerados inovadores, como a dupla página, a utilização de diferentes caracteres tipográficos e o caráter sonoro, são o alvo da análise empreendida por Larissa Drigo Agostinho no artigo **Aspectos visuais e sonoros do poema *Um lance de dados de Mallarme***.

O texto **Histórias entrelaçadas: a dimensão da resistência em *Vidas secas* e *abril despedaçado***, de Maria Margarete Souza Campos Costa e Sandra Maria Pereira do Sacramento, realiza uma abordagem comparativa entre o romance *Vidas secas* (1938), de Graciliano e o filme *Abril despedaçado* (2001), de Walter Salles. As autoras investigam como ambos constroem narrativas que repercutem condições de subjugação e de como suas personagens, especialmente as personagens femininas, desenvolvem estratégias de resistência desestabilizadoras.

Maria Cleunice Fantinati Silva e Sheila Dias Maciel investigam pontos em comum na escrita de memórias produzida por Jorge Amado em **As memórias de Jorge Amado: O menino grapiúna e navegação de cabotagem**.

O artigo **O insólito e as espacialidades moventes: uma análise do devir-animal em *Axolotes*, de Cortázar**, de Marisa Martins Gama-Khalil, vem contribuir para os estudos acerca das formas de realismo em narrativas literárias, mais especificamente o manuseio do fantástico e do real maravilhoso, na medida em que investiga como as espacialidades interagem a partir da análise do conto “Axolotes”, de Julio Cortázar.

As relações entre história e ficção e as travessias entre romance histórico e romance policial são os fios que conduzem a análise proposta por Rodrigo Corrêa Martins Machado e Gerson Luiz Roani no artigo **Tessituras e intersecções entre os fios da literatura e da história no romance *o nome da rosa* de Umberto Eco**.

O chamado ciclo do absurdo – assim cunhado por Camus – é objeto da investigação que Samara Fernanda Almeida Oliveira de Lócio e Silva Geske empreende no artigo **O avesso e o direito da escritura: a relação entre literatura e filosofia em *l'étranger* e *le mythe de sisyphé* de Albert Camus**.

Sebastião Marques Cardoso, em **Literatura e cultura da diversidade no modernismo brasileiro**, avalia o mito da identidade nacional a partir das produções de Paulo Prado [1869-1943] e Oswald de Andrade [1890-1954] apontando-lhes as divergências e pontos em comum.

O texto **Bibliotecas infernais**, de Tiago Guilherme Pinheiro, apresenta como ponto de partida o conto “La biblioteca de Babel”, de Jorge Luis Borges, com o intuito de refletir acerca de um mecanismo que Pinheiro propõe chamar “biblioteca infernal”, cujo funcionamento seria, de acordo com o autor, constitutivo de diversos textos do venerável escritor argentino.

Uma interessante e singular visita ao território das bruxas é o que nos propõe Waldyr Imbroisi no texto **Mulheres que sabem demais: reflexões sobre a Bruxa no *Satyricon***. O autor analisa como a representação da bruxa se realiza no texto de Petronio, a partir da caracterização como *plussciam*, termo latino empregado apenas na linguagem do *Banquete de Trimalcião*, episódio do *Satyricon*.

Para finalizar o volume *Gargântua e Pantagruel*, de François Rabelais, é o objeto de análise de Augusto Rodrigues da Silva Júnior no texto **Morte Saturnal e tanografia em François Rabelais**. O estudo procede a uma verificação das estilizações literárias nesse romance francês.

O trabalho de editar uma revista exige em certos momentos parcerias capazes de fazerem fluir as dimensões da vida prática, possibilitando às vontades a materialidade da coisa, somente mensurável quando, enfim, a revista se torno aquele objeto físico que seguramos entre as mãos. Junto a mim tive duas parceiras que muito me auxiliaram em momentos distintos da organização do presente número: Jéssika Maués Brabo Bastos e Veridiana Valente Pinheiro.

Finalizo, deixando registrado meu sincero agradecimento a ambas.

Vamos à leitura.

Tânia Sarmiento-Pantoja

Verão amazônico, Belém, 21 de junho de 2013